

## **“(…) AGORA NÃO SEI O QUE VAI SER DE NÓS”: A EXPERIÊNCIA DO LUTO EM FAMILIARES DOS DESAPARECIDOS POLÍTICOS NA OBRA DE BERNARDO KUCINSKI**

CRISTINA NAPP DOS SANTOS<sup>1</sup>; CLAUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) – cristinanapps@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) – fonseca.claudialorena@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Entre as décadas de 1960 e 1980 o país estava sob o regime ditatorial civil-militar. Nesse período a noção de Estado de direito foi perdendo espaço para um Estado de exceção através dos Atos Institucionais, que violavam drasticamente os direitos humanos. Segundo Benevides (2014) a repressão perseguia e matava aqueles que se opunham ao regime, sobretudo os que participavam de organizações clandestinas de resistência. Valendo-se de um conjunto de práticas que envolvia sequestro, tortura, morte, desaparecimento e desinformação o Estado estimulava a formação de uma cultura do medo (BAUER, 2011).

É principalmente sobre esse contexto que o escritor, jornalista e cientista político, Bernardo Kucinski, vem publicando seu trabalho de caráter ficcional, de forma que o diálogo com a História se faz bastante presente. Em uma de suas obras, *Você vai voltar pra mim*, em nota ao leitor o autor explicita que se tratam de histórias que lembram episódios noticiados, mas que não passam de criações literárias. Por outro lado, na mesma nota o autor aponta que esse conjunto de contos permite “sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar” (KUCINSKI, 2014b). Assim, mesmo demarcando bem a autonomia e os limites dos dois campos, Kucinski acaba indicando um dos papéis que a literatura pode exercer: a de preencher as lacunas deixadas pela História, que tradicionalmente deixa os sujeitos de lado, dando muito mais ênfase às questões políticas e militares.

Dentre essas lacunas está a questão dos familiares dos desaparecidos políticos, de que forma reagiram ao desaparecimento e como vivenciaram ou vivenciam o luto. Com isso, a proposta aqui apresentada focaliza nessa experiência do luto no romance *K. Relato de uma busca* e nos contos “O velório” e “Joana” extraídos do livro *Você vai voltar pra mim*. O romance e os dois contos abordam a reação dos familiares frente ao desaparecimento forçado dos militantes que se opunham ao regime. Retratam ainda o luto, a melancolia e de que forma a ausência do corpo interfere na concretização da morte no imaginário e nos rituais fúnebres.

### **2. METODOLOGIA**

As pesquisas realizadas na área de literatura se realizam primordialmente pelo levantamento de fontes teórico-críticas e análise literária. Assim, através da mobilidade garantida pela Literatura Comparada que, de acordo com Tania Carvalhal (2003), nos permite circular entre diferentes áreas do saber e utilizar os métodos demandados pelo nosso corpus literário, agrega-se à análise reflexões acerca de luto e melancolia desenvolvidas por Freud e Kristeva bem como sobre a importância dos rituais fúnebres para a superação dessa perda.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Morte e vida coexistem quando se trata de desaparecidos, uma vez que sua situação não pode ser categorizada, já que se situam em um entre-lugar entre a vida e a morte. Além deles, os familiares também acabam adentrando esse entremeio em função da melancolia que se estabelece e que Kristeva define como “uma morte viva, carne cortada, sangrante, tornada cadáver, ritmo diminuído ou suspenso, tempo apagado ou dilatado, incorporado na aflição ” (1989, p. 11).

Tanto do caso dos desaparecidos quanto no caso dos familiares, esse entre-lugar é uma questão cultural que parte da noção de que o falecimento não é apenas o fim da vida, não se tratando apenas de um cadáver, mas uma passagem para o mundo dos mortos, que pode variar de acordo com a crença de cada grupo (RODOLPHO, 2004). Dessa forma, a crença acaba sendo um fator fundamental para estabelecer a relação das famílias com a morte e tanto em K. quanto nos contos a religiosidade aparece bastante marcada. K. entende que a falta de um rito sinaliza a não-passagem de A. para o mundo dos mortos, o que faz com que ela não tenha terminado de morrer. Com isso, a não aceitação do fato torna incessante sua busca e alimenta o sadismo dos sequestradores da vítima. Antunes pensa o rito como algo fundamental, e com a chegada dos seus 90 anos, desiste de esperar pelo retorno do filho, ou pelo reconhecimento do corpo e decide prestar-lhe as últimas homenagens já que entende que “Os mortos têm de ser enterrados” (KUCINSKI, 2014, p. 50). Na ausência do cadáver, o pai deposita no caixão um paletó e um par de sapatos que foram do filho a fim de representa-lo. Enquanto isso, Joana não cogita garantir ao marido um rito fúnebre, pois não concebe a ideia de que o marido morreu. “Diz que só vai se considerar viúva no dia em que trouxerem o atestado de óbito de Raimundo e mostrarem sua sepultura. ” (KUCINSKI, 2014b, p. 59). Nem o estado de óbito fornecido pelo Estado é aceito pela personagem, que acredita que o esposo pode ter perdido a memória e ainda perambular perdido pelas ruas.

Dessa forma, no que tange aos familiares, apenas Antunes, com o conforto trazido pela religião e o cumprimento dos rituais de acordo com suas convicções religiosas, consegue dar sequência à vida. Não se sentindo mais preso à morte-vida de Roberto, o pai alcança o que K. e Joana não conseguem atingir: a concretização da morte no imaginário da família, a transição do corpo para o mundo dos mortos e o encerramento do luto.

Essa resignificação da vida garantida por Antunes sinaliza o final do luto, já que “quando o trabalho de luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” (FREUD, 1996, p. 243). Para Freud, o luto se caracterizaria como uma reação à perda de um ente querido ou alguma abstração que equivalesse a isso. Ainda segundo o autor, em determinadas pessoas com alguma disposição patológica, essa mesma perda poderia causar, em vez de luto, melancolia, que se difere do primeiro por afetar a autoestima do indivíduo.

A partir disso, podemos pensar em Joana como um sujeito enlutado, já que não tem sua autoestima abalada. Diferente de K., pois se no luto é o mundo que se torna pobre e vazio, e na melancolia, o próprio ego (FREUD, 1996) K. pode ser visto como melancólico ao passo que ao refletir acerca de sua atual situação e compará-la com o que se passava quando da sua prisão na Polônia, K. conclui que “tudo que fizera nesses cinquenta anos não passou de um autoengano” (KUCINSKI, 2014a, p. 172). Ou seja, a dor pela morte irresoluta da filha atua como uma ferida aberta que faz com que o protagonista gradativamente vai deixando de atribuir sentido à sua existência.

Afora a melancolia, acrescenta-se em K. o terror psicológico gerado pelas inúmeras informações falsas a respeito do desaparecimento forçado de A., além do sentimento de culpa por estar tão atento aos estudos de iídiche e não ter percebido o que estava acontecendo com a filha, não a tendo protegido e evitado seu desaparecimento.

Ainda assim, consciente da necessidade da finalização dessa etapa, após um ano de buscas e já convencido da morte da filha, o protagonista de K. ainda tenta cumprir o seu papel de garantir a transição da alma de A.. Para isso pede que coloquem uma lápide no túmulo a fim de que a memória da filha pudesse ser reverenciada. No entanto, diferente do que acontece em “O velório”, por motivos religiosos esse pedido é recusado, além de haver a acusação de que A. seria uma terrorista, indigna, portanto, de pertencer àquele “campo sagrado”. Frente a mais essa recusa, e por não achar meios de fazer com a memória de A. descansasse, tampouco sua própria memória, K. lamenta muito mais a não-formalização da morte da filha do que a morte em si, o mesmo sentimento que angustiava Antunes. Assim, junto com a existência e a memória de A. o próprio K. vai aos poucos definhando, comovendo aqueles que conheceram K. antes de sua tragédia. “Antes, K. queria ouvir suas histórias. Agora eram eles que tinham que ouvir seu lamento”. (KUCINSKI, 2014a, p.171).

A insistência em repetir essa mesma história é o que Kristeva chamou de “a palavra do deprimido”, caracterizada como repetitiva e monótona (1989). Para a autora o estado depressivo seria uma fragmentação do ego que se manifestaria na fragmentação da fala do sujeito. A partir disso, formula-se que a repetição das mesmas histórias é uma manifestação linguística motivada pelo reconhecimento da dor da perda.

Não através de manifestações da linguagem, mas Joana também passa a repetir-se após deixar de ter notícias de Raimundo. Há mais de vinte anos a personagem cumpre seu ritual de se enrolar em um xale e sair distribuindo moedas para os moradores de rua, questionando se algum deles percebeu algum andarilho desconhecido e de mais idade.

Portanto, Joana permanece presa ao evento traumático, assim como K., no entanto, a dor deste cessa com o advento de sua morte. Mesmo assim, o desaparecimento de A. segue em aberto, ilustrando as dimensões dessa atrocidade, que acaba afetando não só a própria desaparecida, mas o narrador, que se distancia do acontecimento ao narrá-lo, mas lamenta-o especialmente pelo fato de que a vítima não pode conhecer o sobrinho. Afeta também este último por, mesmo anos depois, ainda ter que conviver com as feridas do episódio e as investidas do sistema repressivo.

#### 4. CONCLUSÕES

Tanto em K. quando em *Você vai voltar pra mim*, os personagens estudados compartilham o sofrimento de terem seus familiares mortos e desaparecidos pelo regime. Mesmo apresentando essa similaridade, cada um apresenta uma particularidade em se tratando de experienciar o luto. Enquanto K. deixa de atribuir sentido à sua existência, Antunes providencia um enterro simbólico para só assim ressignificar sua vida, ao mesmo tempo em que Joana não consegue aceitar que o marido esteja morto. Isso porque a prática de desaparecimento tem como característica, o que o torna ainda mais cruel, o fato de criar uma situação que não é plenamente categorizável, pois a ausência do corpo sugere morte, mas não a confirme, deixando-a em aberto.

Em relação às situações de A., de Raimundo e de seus respectivos familiares é importante salientar que elas se entrecruzam, já que um dos empecilhos para que K. e Joana não aceitem plenamente essas mortes é o não-sepultamento da filha e do marido. Isso explicita, ainda que Freud não tenha mencionado no ensaio estudado, a importância que a cultura ocidental atribui aos rituais fúnebres para o encerramento da etapa do luto. Luto esse que extrapola os limites daquele que é natural, e em K. acaba se transformando em melancolia, já que como anteriormente mencionado, esvazia a vida desse pai de sentido.

Por fim, salienta-se que a temática dos desaparecimentos ainda é tida como contemporânea em função de sua natureza de crime continuado, que não se encerra. No Brasil acrescenta-se a esse fator as poucas medidas tomadas a fim de lembrar e reparar esses crimes e outros delitos do Estado. Nesse sentido, em um momento em que as discussões acerca dos Direitos Humanos estão em voga, a obra de Bernardo Kucinski se faz de extrema importância, uma vez que, através da ficção, além de apontar as atrocidades do Regime Militar brasileiro, expõe de que forma elas ecoaram e ainda ecoam nos familiares das vítimas, sobretudo quando se trata de um caso de desaparecimento forçado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, C. S. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países**. 2011. 446f. Tese (Doutorado em História) - Porto Alegre-Barcelona, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Departament d'Història Contemporània da Universitat de Barcelona, 2011.

BENEVIDES, M. V. M. [Orelha do livro]. In KUCINSKI, Bernardo. **K.** - relato de uma busca. São Paulo, Cosac Naify, 2014

CARVALHAL, T. F. **O Próprio e o alheio**. Ensaio de Literatura Comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

FREUD, S. Luto e melancolia, 1917. In: \_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

KRISTEVA, J. **Sol Negro**: depressão e melancolia. Tradução de Carlota Gomes. - Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

KUCINSKI, B. **K.** - relato de uma busca. São Paulo, Cosac Naify, 2014a

KUCINSKI, B. **Você vai voltar pra mim e outros contos**. São Paulo: Cosac Naif, 2014b

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.44, n.2, p.138-146, 2004.